



# ALICE

NO PAÍS DO DESESPERO

ÍCARO S. CALADO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**EM UM MUNDO DE FANTASIA, ONDE OS PESADELOS VIVEM,  
O MEDO EXISTE E NAO HA ESPERANCA, UMA GAROTA SERA.  
A RAINHA DELES...**

— Alice!

A mae da garota gritou. Ela estava do lado de fora da casa empenada. As nuvens estavam cinzentas, parecia que ia chover. A casa ficava no meio de um campo, rodeada de arvores com galhos que lembravam bra9os de pessoas sendo torturadas. A mulher tinha um rosto jovem. Nenhuma ruga se via. Ela tinha belos olhos negros e brilhantes, real9ados pelos brincos de esmeralda. Ela vestia um longo e belo vestido ne-gro tomara-que caia.

Mas chamar Alice era inutil. A garota estava sentada no cemiterio, muito lon-ge de casa. Ela olhava as nuvens cinza. Para ela pareciam formas de animais. Ela estava de olhos fechados. Seu cabelo liso e negro voava no vento forte. O batom preto dava um brilho lindo em seus labios. Ela levantou a mao direita ao ceu e falou para si mesma:

— Se eu tivesse o mundo para mim mesma, nada faria sentido, nada seria como e, porque, na verdade, tudo seria como e agora.

Falando isso, ela levantou-se sem muito esfor9o e seus olhos ficaram visiveis, eram purpura claro. Ninguem da familia dela tinha olhos daquele jeito. Ela fez seu caminho de volta para casa; no meio do caminho ouviu sua mae chamando por seu nome.

— Alice!

Ela apressou o passo, estava quase correndo. Seus belos cabelos negros estavam voando para tras. Ela sentia o ar frio batendo no rosto. Ela avistou sua mae e abriu os bra9os para dar-lhe um abra9o.

— Alice, onde voce estava? — Alice ia abrir a boca para responder, mas a mae a interrompeu antes de come9ar a falar — Nao importa, venha para

dentro, seu pretendente a noivo chegara logo.

Alice ja tinha vinte anos, naquela idade os pais ja escolhiam os futuros mari-dos de suas filhas. Ela foi ao banheiro e se despiu. Olhava seus seios, eram bem fir-mes. Sua pele era totalmente branca, parecia leite. Ela entrou embaixo do chuveiro, sentia a agua gelada cair sobre seu corpo. Ela se enxugou e foi para seu quarto enro-lada em uma toalha vermelha.

O quarto era escuro e com uma janela rustica. Uma penteadeira estava a direi-ta e uma cama forrada com um lenqol negro e rosas vermelhas. Ela pegou o melhor vestido em seu guarda roupa. Longo e negro, ela passou batom nos labios, era ver-melho escuro parecendo sangue. Pentou os cabelos lisos e longos. Quando ela saiu do quarto estava linda, ela parecia uma princesa.

Um homem estava sentado no sofa beje da sala. A mae dela estava olhando fixamente para o futuro noivo, fuzilava-o com os olhos. Encarava-o olhando suas ca-racteristicas, o cabelo negro e liso chegando aos ombros, os olhos negros pareciam pedras de onix. Seus labios vermelhos e a pele branca como se nunca tivesse levado sol na vida.

A atenqao deles foi tirada. Alice ficou na quina do portal que ligava a sala com o corredor que dava para os quartos. Aquele homem teve a visao mais bela do mundo. Ele ficou encantado com a presenqa de Alice. Levantou-se logo e a segurou pela mao conduzindo-a a sentar-se. Quando ela saiu do portal totalmente, ele beijou a mao dela virando os olhos para cima.

— Lorde Phillip mi lady.

Alice olhou para ele como se o desprezasse.

— Alice Valentine — ela foi arrogante com Lorde Phillip, puxou sua mao dele.

— Vamos nos sentar e nos conhecer melhor — a mae falou rapidamente.

Mas Lorde Phillip olhou em volta e estranhou uma coisa.

— Onde esta o pai de minha futura esposa?

Alice o olhou meio torto, mas sua mae tomou a frente.

— O pai de Alice morreu ha um tempo atras, ele era um navegador, Antony era seu nome, Antony Valentine.

— Oh, entendo senhora Valentine.

— Por favor, me chame de Victoria — ela disse com um sorriso pequeno.

Lorde Phillip estava adorando a visita a casa de Alice. Repleta de quadros an-

tigos, que, ao que ele deduziu, representavam a morte e a doenca. Eram esqueletos de pessoas gritando e com a pele negra. A casa era de um modelo gotico, parecia antiga. O piso era feito de madeira e nao tinham espelhos. Quando o vento passava pelas paredes externas a casa fazia ruidos.

Sentaram-se a mesa da cozinha para comer. A empregada da casa, Gertrudes, preparou um belo leitao, acompanhado de folhas de alfa9e e uma ma9a vermelha na boca. Come9aram a comer educadamente, entao a mae de Alice falou alto e claro para que os dois escutassem:

— Caros companheiros, essa sera uma uniao perfeita entre Alice Valentine e Lorde Phillip. O casamento acontecera em tres dias. — Ela estendeu a ta9a propondo um brinde. Os dois se levantaram das cadeiras e encostaram suas ta9as na dela.

Lorde Phillip se despediu da mae de Alice fazendo uma reverencia e beijando sua mao:

— Adeus senhora Victoria Valentine, sera uma honra me casar com sua filha.

Pegou a mão de Alice para beijá-la, mas teve uma surpresa. Ao baixar a cabeça para lhe dar um beijo, mas ela puxou a mão. Lorde Phillip ficou boquiaberto e Victoria também. Alice saiu correndo para seu quarto. Victoria logo falou:

— Desculpe minha filha, ela está meio perturbada com o casamento — ela abriu um sorriso e indicou a porta para Lorde Phillip sair.

O quarto de Alice era bem escuro. Ela estava com a cabeça enfiada em um travesseiro. Ela chorava muito, sua maquiagem estava toda borrada. Estava sem os sapatos, deitada na cama. Escutara alguém bater na porta:

— Filha, tudo bem com você? — Era Victoria, tinha a voz preocupada.

Alice não respondeu. Ela soluçava muito. Pensava em como seria sua vida de

casada com Lorde Phillip. Ela pensava em uma mulher caseira que fazia tudo, passava cozinhando e arrumava a casa. Mas ela lembrou-se, ele deve ter empregados. Então veio a situação de sua família, ele também pode estar falido como nós. Ela se debruçou na cama e recomeçou a chorar.

Ela ouviu um clique na porta. Victoria entrou no quarto, ela tinha a chave mestra. Ela viu a filha chorar e correu para abraçá-la.

— Não chore querida, tudo vai ficar bem — beijou a cabeça da menina.

— Certo, mãe — ela passou a mão no rosto para limpar as lágrimas e a maquiagem borrada.

Alice se arrumou e foi ao cemitério de novo. Gostava dali para pensar. Ela olhou para cima e viu as nuvens cinzentas passando no céu. Seus pensamentos se perdiam olhando as nuvens. Mas foi interrompida. Ela ouviu um barulho que acreditava vir de um arbusto. Olhou para os lados e não viu nada, apenas lapide e túmulos.

Voltou logo para casa, ficara com medo. No meio do caminho começara a chover, então ela apressou o passo. Quando chegou em casa estava toda molhada.

Ela correu ao banheiro e tomou um banho. A água fria a despertou mais. Foi a seu quarto trocar de roupa, e abriu a janela para olhar o lado de fora. Ela viu um vulto negro passando rapidamente, como uma sombra. Ela rapidamente escondeu o rosto colocando-o ao lado da janela. Olhou novamente e não tinha nada. Sua mãe bateu na porta de repente.

— Alice, tudo bem, você está aí há horas.

— Tudo bem mãe, só um momento.

— Tem uma visita para você.

Alice já esperava quem seria a visita, Lorde Phillip, aquele homem não tinha mais nada para fazer? Cabeças para cortar, punir súditos, cobrar impostos? Ela se

vestiu rapidamente com um vestido curto, chegava às canelas. E saiu, sem maquiagem mesmo, quem sabe ele não corre se me ver assim.

Como Alice esperava, Lorde Phillip estava conversando com Victoria. Sua mãe estava esplendorosa. Com um belo vestido longo vermelho e brincos de safira. Um colar de brilhantes estava em seu pescoço e ela usava um batom vermelho forte.

Lorde Phillip se virou assim que escutara os passos de Alice. Ele olhou para ela e pensou, ela é linda mesmo sem maquiagem.

— Olá Lorde Phillip, a que devo a honra de sua visita? — Aquela não parecia a verdadeira Alice falando. Até Victoria a olhou espantada, como minha filha...?

Lorde Phillip estava em um terno azul escuro e calças jeans. Colocou a mão no bolso da calça e tirou uma caixinha. Ele se levantou e foi em direção a Alice. Ajoelhou-se diante dela e lhe fez o pedido formalmente:

— Alice Valentine, você aceita casar-se comigo e ser minha esposa por toda sua vida?

— Sim, aceito Lorde Phillip — Victoria não acreditou no que acabara de ouvir, há poucas horas ouvira Alice dizer que não queria se casar.

Lorde Phillip abriu a caixa e revelou um anel de diamante com uma pedra enorme. Pos no dedo anelar de Alice e beijou sua mão.

— Eu prometo sempre amá-la.

Ele se levantou e caminhou até Victoria:

— Darei o dinheiro para preparar tudo e chamarei as pessoas da mais alta sociedade. A senhora tem algum amigo que queira convidar?

Mas Victoria não tinha nenhum amigo, preferia viver isolada das pessoas. Ela negou com a cabeça.

— Então tudo bem, vejo minha amada no casamento.

Ele saiu pela porta aberta.

Victoria passava a mão na testa branca toda suada, meu Deus, como minha filha foi capaz disso? Ela abraçou forte Alice e a beijou na testa. Mas a garota recuou, recusando o beijo.

— O que foi querida? Há algo de errado?

Alice negou com a cabeça. Ela se retirou da sala e foi direto para seu quarto.



O dia do casamento havia casamento havia chegado. Toda cidade, pelo menos a parte nobre, havia sido convidada. As mulheres estavam em seus vestidos mais elegantes, com joias cobrindo o corpo. Usavam maquiagem escura e chamativa. Um altar foi posto na extremidade mais longinqua do campo. Tres fileiras de cadeiras estavam pos-tas para os convidados se sentarem, elas eram forradas com um pano branco. Flores brancas estavam espalhadas pelo chao. Um tapete vermelho estava es-tendido, este seguia caminho ate o altar. O dia, como todos os outros estava nublado e sem sol. O vento batia forte nas arvores fazendo seus galhos balanqarem violentamente.

Uma carruagem escandalosa havia chegado. Com enfeites coloridos e sinos amarrados na traseira. Ela era guiada por um cavalo branco com uma enorme crina.

O cocheiro estava vestido com uma roupa purpura e um chapéu com uma pena de pa-vaó. Ele carregava um chicote nas maos. Seu rosto era cheio de rugas e faltavam dentes na sua boca.

Ela parou bem em frente ao tapete. A porta se abriu e de dentro saiu Lorde Phillip. Ele trajava um belo terno branco com uma rosa vermelha em seu peito. Seus sapatos eram pretos e nao tinham cadaço. Ele se dirigiu ao altar para esperar sua noi-va.

Alice via tudo de sua casa, lá em cima, no primeiro andar. Ela nao se vestira de branco como as noivas normalmente faziam. Ela usava um belo vestido preto lon-go com penas de cisne negro. Uma tiara brilhante negra estava em sua cabeça. Os seus sapatos eram de bailarina. Suas palpebras estavam cobertas por uma camada fina de sombra roxa e seus labios por um batom preto bem chamativo. A mae dela entrou no quarto.

Ela estava linda. Usava um vestido roxo longo, que lhe cobria os pes. Na boca usava um batom azul escuro. Brincos de perola estavam em suas orelhas. Um colar de brilhantes repousava em seu pescoço e um anel com

uma pedra de verde enorme em sua mão. Alice correu e abraçou forte sua mãe, que retribuiu o ato de afeto.

— Calma minha filha, vai dar tudo certo — ela beijou a cabeça de Alice.

Alice descia as escadas lentamente. Ao ir mais para baixo escutava a marcha nupcial, ao som de um órgão. Ao sair sentiu um ar frio bater no rosto. Ela começou a

seguir seu caminho, pelo tapete vermelho até seu noivo. Ao chegar lá, todos os convidados se levantaram.

— Podem se sentar — ordenou o padre vestindo uma batina branca com o colarinho vermelho. — Nos estamos reunidos aqui hoje...

O padre começou a falar, mas o pensamento de Alice estava longe. Eu já sei o que fazer..., ela tinha um rosto frágil, mas a mente perigosa.

— ...Lorde Phillip Bourbon, você aceita Alice Valentine como sua legítima esposa, para amá-la por toda sua vida? — O padre perguntou.

— Sim, padre, aceito — os olhos de Lorde Phillip se encheram de lágrimas.

— E você, Alice Valentine, aceita Lorde Phillip Bourbon como seu legítimo esposo?

Quando Alice ia responder, viu uma coruja negra com olhos grandes e amarelos, com um relógio preso a pata. Ela rapidamente respondeu com um “não” e saiu correndo atrás da coruja. Ouviu apenas os convidados se levantando e fazer uma expressão de surpresa: “Oh”

Alice adentrou por entre as árvores. Sentiu os galhos em forma de braços rasgando algumas partes do vestido. Ela viu a coruja entrar em um buraco na árvore. Chegou perto o suficiente e enfiou a cabeça no buraco ficando na ponta dos pés. Ela sentiu como se alguma coisa a empurrasse no buraco

então caiu. O buraco parecia não ter fim, então ela apertava os olhos. Sentia apenas um vento frio entrando por baixo das pernas e o vestido levantar. Daí sentiu o chão duro batendo nas suas nade-gas.

Alice havia caído em um salão escuro, apenas com luzes fracas de velas acesas quase desaparecendo. O lugar era frio e úmido. Ela examinou as roupas que estava vestindo, ainda era o vestido de casamento. Porém todo rasgado, as mangas curtas deixando o ombro a mostra eram apenas farrapos e a longa saia toda em tiras. Alice fez do seu agrado. Ela terminou de arrancar as mangas e rasgou a longa saia no meio, deixando o vestido do tamanho de um short.

O local parecia com uma sala de estar. Tinha uma mesa no centro com uma garrafa verde, um sofá cor de vinho. Mas e no final? Alice havia reparado uma imensa parede no fim da sala. Examinou bem de perto, bateu na parede de leve, e não encontrou nada. Então ela ouviu uma voz, quase que como um pequeno silvo do vento:

— Ei, garota, o que acha que está fazendo? — Alice se abaixou e viu uma minúscula porta de madeira com uma maçaneta dourada. A maçaneta tinha dois olhos grandes e negros e uma boca grande.

— Eu quero passar para ver o que tem aí.

— Então você deve pegar a chave que está em cima da mesa e tomar da garrafa para ficar do tamanho adequado.

Alice olhou para a mesa toda de madeira. Em cima dela estava uma garrafa com um rótulo. Este dizia: “beba-me”, ao lado dele tinha uma caixa de biscoitos que dizia: “coma-me”. Ela pegou o biscoito e colocou no busto, e pegou a chave. Então colocou o líquido da garrafa em um dedal que carregava, o resto guardou em seu busto. Tudo ao redor dela começava a aumentar, as coisas ficavam maiores. E ela percebeu, sou eu que estou diminuindo. Ela ficou tão pequena, que a roupa não dava mais em seu corpo.

Ela rasgou um pedaço da roupa com as mãos e fez um vestido que lhe cabia. Pegou a chave e abriu a porta. Esta com um clique, girou sozinha a maçaneta. Alice olhava pelo canto da porta, via uma sala escura com quadros abstratos nas paredes. Ela seguiu em frente. Chegou em um campo com uma árvore morta caída. Uma nevoa branca e espessa surgiu. Apareceu daí uma cobra negra, mas com um sorriso malicioso no rosto e olhos azuis.

— Ora, ora, ora, o que temos aqui? Quem sois vos?

Alice olhou para os lados e percebeu que a cobra falava com ela.

— Meu nome é Alice Valentine — ela fez uma pequena reverência a cobra que abriu um sorriso largo.

— E para onde tu vais Alice Valentine?

— Eu não sei...

A cobra começou a dar uma gargalhada espalhafatosa.

— Não sabes?! Uma garota como tu deverias saber para onde ir... — a cobra desapareceu em uma nevoa.

Alice ficou desorientada. Mas foi por pouco tempo. Ela parou de repente, ou-via pisadas de cavalo. Avistou um belo corcel negro com um homem montado. Ele era o homem mais bonito que Alice já havia visto. Usava uma roupa de couro preta e um batom negro escuro. Em seu olho direito usava um tapa olho em formato de coração. Alice correu ligeiro para trás de uma moita. O homem olhou para os lados, como se estivesse procurando alguma coisa ou alguém. Voltou a montar em seu corcel negro novamente e seguiu caminho.

— Ela conseguiu? — Alice olhou para o lado e viu duas rosas, uma negra e uma purpura. Era a purpura que falava. — Você acha mesmo que será verdade?

— Com licença, o que vocês duas estão falando?

Elas pareceram se assustar e perder o fôlego por um décimo de segundo.

— Oh, nada minha querida... — disse a violeta. — Visite Absolutum, ele é sabio.

Alice deixou o lugar, mas escutava as rosas falarem: “siga a fumaça”. Ela então o fez. Enquanto seguia seu caminho, Alice via árvores em forma de pessoas com rostos sendo torturados, a grama era preta como se tivesse sido queimada. Ela olhava para o céu e via fumaça; esta ficava cada vez mais forte. Alice avistou várias moitas; por entre elas uma enorme viúva negra com um cachimbo entre cinco patas.

— Olá quem é você? — A voz era de uma mulher.

— Absolutum?!

— Você Absolutum? Não Absolutum sou eu, estou te perguntando, quem é você?

— Alice Valentine, eu acho...

— Então você não sabe quem realmente é.

— Ei! Eu sei realmente quem sou.

Absolutum a interrompeu.

— Você fará seu caminho por este mundo e saberá seu destino, vá ao Ceifa-dor de Loucuras... — ela desapareceu em um véu de fumaça saído do cachimbo.

“Ceifador de Loucuras” o nome não saía da cabeça de Alice. Aquele mundo a cada minuto ficava mais escuro, parecia que ali nunca fazia sol, todas as árvores precisavam de luz solar. As nuvens pareciam ficar mais escuras a cada momento que passava. Alice começou a pensar, jogar pensamentos fora, mas eram o que ela realmente sentia. Eu não dou mais valor a vida, tudo o que sempre quis era encontrar um príncipe, alguém que ela conheceria e a deixaria no céu; mas ela deixou para lá.

Logo mais a frente, viu um lugar plano, fez-lhe lembrar de um cemitério. Era realmente um cemitério olhando mais de perto. Tinha lápides e túmulos; estátuas que tinham a forma de anjos com foices nas mãos e vendas nos olhos. Alguns tinham apenas uma asa nas costas.

Alice então viu uma figura alta e de costas. Essa figura vestia um manto negro e carregava uma foice em uma das mãos. Alice entrou no cemitério e o tocou, quando se virou, Alice teve uma surpresa. O rosto da figura era o de uma caveira, com rachaduras por todo ele. Os buracos onde deveriam ficar os olhos, eram vazios e o nariz era apenas uma fenda reta. Então se virou e encarou Alice.

— Olá Alice — a voz era masculina e fria — faz tempo que eu não a vejo.

— O que? Você já me viu?

— Sim, muitas vezes, quando você estava prestes a morrer. Fui eu quem te empurrou naquele buraco na árvore.

Então foi ele, ele que me empurrou.

— Você fez isso por que?

— Ora, pois eu precisava testá-la, foi bem divertido empurrá-la pelo buraco e vê-la cair gritando.

— Tanto faz, esqueça. Você é o Ceifador de Loucuras?

— Sim, o que voce quer, que eu tire a vida de alguem?

Entao caiu a ficha para Alice, aquele era Morte, que comandava em todos os mundos e decidia quem vivia ou morria.

— Nao... estou a procura... de alguma coisa...

— Mas se nao sabe nem de quem esta a procura, como posso ajuda-la?

Alice C090U a cabe9a, um vento frio percorreu a sua espinha. Quando se deu conta, Morte, estava atras dela.

— Entao Alice, em que posso ajudar voce?

Mas foram interrompidos por passos. Ouviram passos de cavalo. O Ceifador de Loucuras nao fez nada para esconder Alice. Ela viu atraves da nevoa um cavalo negro com olhos vermelhos e uma armadura de a9o cobrindo sua cabe9a. Er conduzi-do por um homem, que ela julgava lindo. Homem alto, de cabelos negros e, ela en-xergou, olhos azuis bem escuros, como se fossem duas lagoas limpidas iluminadas por um ceu noturno. Seu corpo era bem forte, seus musculos eram definidos e faziam seus biceps pularem. Vestia uma roupa toda preta, composta por uma bota, uma capa e um conjunto rustico de cal9a e camisa. Em seu olho direito usava um tapa olho preto.

Ao chegar perto, o Ceifador de Loucuras nao fez questao em esconder Alice, foi logo cumprimentando Morte.

— Eia! Ola Ceifador, — mas nao deixou de notar Alice — quem e esta mu-lher que esta com voce?

— O, ela e uma garota do mundo exterior que eu trouxe, seu nome e Alice.

Alice olhou para ele com uma cara fechada, como se nao fosse para dizer

aqui-lo a ele. Mas, na verdade, o cavaleiro gostou de Alice. Ele nunca tinha visto mais bela criatura em toda sua vida. Desceu rapidamente de seu cavalo e revenciou Alice:

— Drakien, as suas ordens senhorita — ele segurou a mão dela e lhe deu um beijo. Os lábios dele eram quentes, mas sua pele era bem fria, mesmo estando com uma luva.

Alice resolveu entrar no clima medieval:

— Pode descansar, sir Drakien.

No entanto ele olhou por cima do olho e fez uma pergunta que mudou tudo:

— Eu posso leva-la comigo?

— Pode — respondeu Morte. — Mas antes de leva-la para onde quer que se-ja, leve-a para a Plebeia.

Drakien assentiu com a cabeça.

Subiu em seu cavalo e puxou Alice, que envolveu sua cintura com os braços e colocou o rosto perto das costas dele. Ela não viu, mas sentiu que ele dera um sorriso.

Ao redor, tudo parecia ficar mais denso. As árvores iam fechando o caminho e os arbustos estavam parecendo mortos. O chão, a medida que avançavam, ia mudando. Ficava cada vez mais parecido com madeira. Alice deduziu então que estavam chegando perto da Plebeia.

O cavalo subitamente parou. Alice se inclinou um pouco para poder ver. Parecia uma casa de madeira comum e bem simples. Tinha um telhado inclinado e toda feita de madeira. Uma chaminé no topo do telhado expelia fumaça, então, Alice deduziu que tinha alguém dentro.



— Vamos senhorita Alice, desça e fale com a Plebeia — disse Drakien, mas parecia mais que estava dando uma ordem.

Alice pulou do cavalo para o chão e bateu na porta. Logo ouviu uma voz vinda de dentro, feminina e de criança:

— Já vou atender — com um clique a porta se abriu. Alice viu em sua frente a figura mais estranha até agora. Uma garota loira e trajando farrapos sujos de manchas de carvão; ela não usava nenhum sapato, estava descalça. Seu vestido, apesar de sujo, aparentava ser branco. Nos lábios usava um batom vermelho que com o cravo negro, ficava um roxo escuro. — Ola, a quem devo a honra?

Alice não sabia o que dizer. Primeiro foi Drakien, que estava olhando tudo acontecer, havia chamado ela de “senhorita” e agora a Plebeia que perguntava a quem devia a “honra”. Alice resolveu entrar no jogo também.

— A futura rainha do... — ela pensou um pouco, e o nome veio a sua cabeça — Do País do Desespero. — A Plebeia abaixou-se um pouco nos joelhos.

— Bom, futura rainha, o que posso fazer por vos?

— Quero saber o que vim fazer aqui. — Plebeia se espantou. Ela foi até uma estante, e pegou um livro de capa vermelha.

— Aqui, — ela repousou o livro em uma mesa — “A Imperatriz Escura dominou todo o ‘País do Desespero’, coube a uma menina vinda do mundo exterior mata-la e controlar todo o País” — Ela fechou o livro. Alice olhava incrédula, eu que vou salvar o País do Desespero.

— Obrigada Plebeia.

— De nada minha rainha, e pode me chamar de Beatrice.

Alice voltou a Drakien, ele segurou sua mão e a ajudou a montar em seu cavalo negro. De novo as paisagens surpreendiam Alice. Mas desta vez iam ficando mais escuras. As árvores ficavam parecendo mais com corpos inteiros e a luz ia desaparecendo. Para Drakien aquilo parecia um passeio romântico, ele achava bom ter Alice segurando seu corpo e abraçando seu tronco. Era como se ela fosse uma mulher somente dele, que ele cuidaria para todo sempre.

Alice, mesmo estando atrás de Drakien, conseguiu ver um castelo cinza com torres pontiagudas que pareciam tocar o céu. Ela conseguiu avistar o portão de entrada, este tinha um fosso e era cercado por um lago infestado de piranhas. Ao chegar bem próximo ao portão, este baixou e deu passagem para eles passarem. Alice olhou em volta. Era um jardim lindo, para Alice. A grama estava quase morta, parecia queimada, era rodeado por uma cerca feita de plantas enroscadas. Tinha rosas negras desabrochando. Cogumelos vermelhos com pintinha brancas no chapéu ficavam plantados na grama. Mas Alice notou uma coisa, estava tudo vazio, sem nenhuma pessoa.

Drakien a segurou pelo braço e a chamou para seus aposentos, em uma torre; a mais alta de todas. Ele começou a tirar sua roupa. Seu corpo era bem definido. Seu peitoral grande. Tinha buracos de músculos por toda sua barriga. Alice notou que ele era cheio de cicatrizes. Ele virou-se de costas. Era bem pior visto de trás. Tinha marcas de cortes e arranhões. Ele virou a cabeça, no mesmo instante Alice desviou o olhar.

— Muito feio ficar olhando senhorita.

— Desculpe — ela virou de costas. Antes dela virar completamente a cabeça. Drakien segurou seu queixo com os dedos.

— Alice... Não se desculpe, tudo bem — uma lágrima ia caindo do olho dela, mas Drakien a limpou. — Queria te dar uma coisa desde o momento em que lhe vi.

— E o que e — indagou Alice entre soluços. Drakien segurou a cabeça dela com as mãos e levou sua cabeça para mais perto. Alice avançou, eles se beijaram. Alice não recuou, a boca dele era quente, sentia sua língua se enroscando na dela; os braços de ambos seguravam forte o corpo um do outro, em um abraço apertado. O beijo durou um pouco mais de trinta segundos. Afastaram a cabeça um do outro.

Alice colocou os dedos próximos a boca. Drakien foi até sua cama e se sentou.

— Nossa. — Ele disfarçou no mesmo instante olhando para cima — Você já viu o teto, cheio de morcegos.

Alice olhou para cima, como quem estava prestando atenção, mas ela estava na verdade com o pensamento longe, puxa vida, foi o meu primeiro beijo, não podia imaginar que a boca dele era tão doce e quente. Drakien parecia estar tendo o mesmo pensamento. No entanto, a alegria foi interrompida por um homem na porta. Era um homem baixinho e forte; usava uma barba grossa e negra. Um bigode ruivo estava acima de seus lábios e seus olhos eram muito verdes.

— Senhor Drakien, a Imperatriz o espera na sala do trono.

— Diga a ela que já estou indo — o homem se foi fechando a porta. Drakien rapidamente pôs a camisa e uma calça. Era estranho para Alice vê-lo em roupas assim, normais. Ele vestia uma camisa verde-musgo com mangas e uma bermuda jeans. Alice não imaginava que no País do Desespero usava-se calças jeans nem camisas.

Drakien a segurava pelo ombro, como se ela fosse uma prisioneira ou algo parecido. As torres, por dentro, estavam velhas e umidas; eram sustentadas por vigas de madeira, que já estavam molhadas e cheias de mofo, Alice observou. Os soldados eram iguais aquele homem que Alice vira no quarto, eram baixos e barbudos com um bigode ruivo. O que mudava neles de vez

em quando era a cor dos olhos, que podia ser azul, verdes ou, o mais assustador para Alice, vermelho sangue. Todos trajavam uma roupa vermelha ou preta e uma capa com o simbolo de copas do baralho. Nas maos carregavam lanqas pontiagudas com coracoes na ponta ou espadas com um co-raqao no cabo.

Quando chegaram ao jardim, parecia mais escuro do que antes. Mas os arbus-tos se erguiam, davam flores. No entanto, eram flores brancas, todavia alguns sola-dos estavam pintando-as de preto. Alice achava aquilo estranho, como podem pintar flo-res brancas tao belas assim, de preto? Chegaram em frente a uma porta enorme de madeira, que Alice deduziu ter uns dez metros, e um tapete vermelho estendido que dava do salao de dentro para fora, onde estava. A porta era pintada de vermelho vivo e a parede externa de branco.

A porta subitamente se abriu, sem ninguem tocar nela nem nada. Alice conse-guiu ver por dentro. Quadros estavam pendurados na parede com pinturas que nao podiam ser identificadas. Um tapete roxo seguia para dentro dando continuaqao aquele que estava do lado de fora. Soldados estavam do lado de dentro, enfileirados com as espadas e lanqas levantadas e seguiam a formaqao espada, lanqa, nessa mesma ordem. Alice nao sabia por que, mas notou uma figura alta surgindo.

Estava nas sombras e Alice nao podia enxergar direito; mas apareceu em ins-tantes. Era uma mulher, parecia humana. Seus olhos eram bem negros e pareciam um poqo sem fundo, usava um belo e longo vestido preto que lhe cobria os pes. Sua pele era tao branca quanto a de Alice, o batom que usava era de um vermelho vivo. Mas, o que chamou a atenqao de Alice foram os chifres, isso mesmo, chifres. Em baixo dos cabelos presos subiam acima da cabeqa chifres que pareciam chifres de rena. Alice no-tou qu Drakien se ajoelhou. Ela fez rapidamente o mesmo para nao passar vergonha. Mas a Imperatriz, assim que ela se ajoelhou, tocou seu queixo.

— Levante-se querida — a voz dela era doce e calma. — Qual o seu nome?

Alice engoliu em seco antes de responder e ficou um pouco arrepiada.

— Alice, eu me chamo Alice Valentine.

A Imperatriz levantou a cabeça e a olhou de lado. Depois para Drakien, o via de camisa e calças comuns.

— Humpf, Drakien, sempre o plebeu de todos. — Ele baixou a cabeça como se estivesse envergonhado e ficou um pouco vermelho. — Alice, tome um chá comigo, vamos conversar um pouco.

Alice foi levada a uma sala que mais parecia um camarim. Três donzelas vestindo uma roupa de camareira a esperavam. Uma tinha olhos cinzentos e as outras duas tinham olhos castanho escuros. Elas se aproximaram de Alice e começaram a despir o vestido que o ceifador fizera para ela. Cobriram seu rosto de pó de arroz, passaram-lhe batom vermelho na boca e puseram brincos de perola. Alice se sentiu no céu quando entrou no closet, ela via inúmeros vestidos chiques, a maioria preto ou vermelho. Ela se apaixonara por um vestido longo vermelho tomara que caia cheio de misangas vermelhas no busto. Puseram-lhe a roupa, ela havia ficado linda.

Ela saiu da sala e foi guada por dois soldados de copas empunhando espadas nas mãos. Chegou na sala de chá, uma mesa imensa de uns três metros de comprimento estava no centro e quatro cadeiras de madeira vernizada estavam dispostas, duas nas laterais e uma em cada ponta. Alice estranhou por não ter ninguém ali, mas a porta se abriu e a Imperatriz surgiu, vestindo um longo vestido azul que afinava ainda mais sua cintura e brincos de safira. Ela caminhava lentamente para a mesa. Logo atrás dela, vinha um guarda puxando alguém. Alice reconheceu, era Drakien, mesmo prisioneiro, ele usava um smoking preto e se vestia como se para sair a um jantar social.

A Imperatriz sentou-se, seguida de Alice. Ela bateu palmas e logo em seguida dois servi9ais, eram na verdade dois garotos gordinhos vestindo uma roupa amarela e vermelha com um gorro vermelho na cabe9a. Alice olhou fixamente para eles, como se os conhecesse. Sua aten9ao foi chamada de volta, a Imperatriz a chamava.

— Fofos nao, — Alice olhou desnorteada — eles pertenciam a Plebeia, aquela vaca, falam de um jeito engra9ado. Vamos seus gorduchos, falem alguma coisa! — Ambos come9aram a babulciar algo estranho que Alice demorou a compre-ender.

— Ora, mas o que a senhora quer que nos falemos...

19

— Sua besta, ela quer que falemos algo...

— Nao podemos falar se ficarmos calados...

— Entao fale alguma coisa...

— Ja chega, estou satisfeita. — A Imperatriz fez sinal para que saissem.

— Eles conseguem me alegrar. — Mas nao saia nenhuma sombra de sorriso na Imperatriz.

— Imperatriz... — come9ou Alice, mas foi interrompida.

— Por favor, me chame de Amy.

— Sim Impe... Amy. Aquilo que fez nao foi um pouco humilhante para eles?

— Nao nao, sempre fa9o isso com meus servos, por que?

Alice apenas balan9ou a cabe9a negativamente, mas ela continuou, nao sabia porque faria aquela pergunta, mas sabia que tinha de faze-la: — Como

voce conse-guiu chegar ao trono?

— Não sei o porque de tanto interesse, mas eu lhe digo. Quem dizia as regras aqui eram meus pais; a peste veio e matou todos dois, minha irma e eu estavamos so-zinhas...

Alice a interrompeu.

— Irma?

— Sim, a Plebeia. Deixe-me continuar. Descobrimos depois, por um testa-men-to, que nossos pais haviam deixado o reinado para minha irma. Ela dominou esta ter-ra, pelo menos por tres dias. Era tudo ensolarado e feliz com ela — ela fez uma care-ta. — Eu fiquei revoltada por ter sido ela a quem nossos pais deixaram tudo. Eu reuni umas pessoas que eram revoltadas com ela tambem e invadimos o cas-telo. Depois de muito lutarem, eu enfrentei cara a cara minha irma. Eu lanquei um fei-tiço forte contra ela, e a derrubei. — Amy achava divertido contar aquilo — Eu a bani para muito lon-ge na floresta e tomei o trono, deixei este mundo submerso em escuridao. E para completar fiz um feitiço que tirou meu coraço e o trancou numa caixa.

Alice assentia com a cabeça, mas depois ela fez uma pergunta que nem ela es-perava fazer.

— E como alguem poderia mata-la... — ela se deu conta do que perguntara e refez a sentença — Quero dizer, se quisesse e tivesse a mente fora de si?

Amy olhou um pouco desconfiada, mas respondeu.

— Isto aqui — Ela mostrou o colar que carregava, Alice havia notado agora, era uma adaga prateada. — Esta e a unica lamina capaz de perfurar meu coraço.

Alice ficou com um brilho nos olhos: — E onde estaria esse coração. Amy não viu problema em contar onde estava.

— Na torre mais alta daqui, em outras palavras, nos aposentos dele — ela apontou para Drakien. Alice já havia esquecido dele, ele havia ficado tão calado.

Ela olhou desconfiada para direita, olhava os guardas. Mesmo trajando aquelas roupas e usando aquelas armas, eles não pareciam tão inteligentes nem perigosos.

— Muito obrigada pelo chá, Amy — declarou Alice — mas eu preciso ir, me esperam na minha aldeia — enquanto dizia isso, deu uma piscadela disfarçadamente para Drakien, ele pareceu entender. — So vou no quarto tirar esse vestido...

— Oh não, você pode ficar com ele, eu gostei de conversar com você. Há muito que não conto minha história para alguém. — Amy se emocionou.

— Obrigada, e eu adorei o que fez com as cores aqui. — A Imperatriz deu um sorriso sem mostrar os dentes.

Alice se despediu e saiu pela porta da frente em direção a floresta.

Alice saiu pelo portão principal, ela foi em direção a floresta. Drakien saiu logo após ela. Ele usava a mesma roupa do jantar, mas carregava um punhal dobrado com o cabo vermelho e a lâmina prateada, brilhava com a luz da lua. Morcegos voavam, iam para o leste; o vento balançava as árvores com galhos em forma de gente e com troncos com formas de corpos humanos sendo torturados.

Uma fumaça escura começou a se formar, Drakien preparava o punhal na mão. Uma cobra parecia se formar para Alice, que olhava fixamente para a fumaça.



A co-bra negra apareceu, mas desta vez havia mudado de cor, estava branca; e com asas onde deveriam ficar orelhas humanas. Seus olhos também haviam mudado de cor, ficaram cinzentos e tinha uma listra amarela de cada lado do seu corpo. Ela começou a falar com Alice:

— Olá Alice Valentine, vejo que conseguiu um aliado, um renegado —  
A voz dela havia ficado puxada, como um sibilo.

— Sim, — Ela se encheu de orgulho. — O que você quer?

— Nada, só vim dizer que a Plebeia está escondida com Absolutum, nos Campos Perdidos... — Ela desapareceu em um piscar de olhos, sem fumaça alguma e sem aviso.

— Vamos Drakien, precisamos encontrar a Plebeia.

Drakien assentiu com a cabeça.

Eles prosseguiram com o caminho, Drakien que, de vez em quando, olhava para trás para se assegurar de que nenhum animal estava seguindo-os, nenhum animal racional ou não. Ficaram de frente a uma árvore, um salgueiro. Conseguiram uns galhos na floresta e fizeram fogo chocando duas pedras, uma na outra. A comida deles foram dois ratos grandes e gordos que passavam. Eles imploraram para não morrerem, que tinham filhotes para alimentar. Mesmo assim, Alice não teve piedade deles, quebrou seus pescoços e arrancou o pelo deles para assar na fogueira.

— Então, — começou Drakien — você não é daqui mesmo?

— Não. — Respondeu Alice. — Eu sou do mundo lá de cima, fui trazida para cá no meu casamento.

— Continue — empolgou-se Drakien.

— Na verdade, foi quando eu ia dizer “não” para o padre. Eu vi uma coruja negra e comecei a segui-la. Fui até um buraco numa árvore e senti

uma mao me em-purrando. Entao cai aqui. — Alice disse isso e deu de ombros, mas Drakien ficou desconfiado.

— Essa coruja, tinha olhos amarelos e grandes?

— Sim.

— E seu bico, tambem era negro?

Alice assentiu com a cabeqa.

— A coruja era minha, dei por falta dela a uns dias atras. Pensei que ela foi caqar. Espere ai. — Drakien pos os dedos polegar e indicador na boca, e deu um as-sobio ensurdedor. Alice nao viu nada, por um momento, entao, um vento forte a atingiu. Parecia vir de cima. Os cabelos de Alice voaram e se assanharam, assim como seu vestido. Drakien parecia nao se importar, ficou parado olhando para cima com sua camisa e calqa voando.

Uma coruja, de acordo com a descicao de Alice, desceu dos ceus. Mas nao era uma coruja de tamanho comum. Ela devia ter uns cinco metros de altura ou mais. Su-as penas brilhavam muito no escuro e seus olhos viam tudo ao seu redor.

— Rebas! — Exclamou Drakien. — Eu so nao sei quem lhe empurrou.

— Nossa! Ela e linda! — Alice chegou perto o suficiente para poder tocar e acariciar a coruja.

— Correcao, “ele”, e um macho, o ultimo da especie.

— Ahh, nos bem que podiamos montar nele e fazer a viagem pelos ceus.

— Eu acho que nao, Rebas nao consegue carregar muito peso, apesar de seu tamanho.

*O que? Ele esta me chamando de gorda?* Alice ficou muito chateada com

aquilo.

— Mas e verdade, ele não suporta nenhum tipo de peso, no castelo, eu fazia o ninho dele.

Alice aceitou a dura verdade e chegou mais perto. — Vamos, precisamos ir... — Drakien dispensou Rebas e foram dormir.

Ao amanhecer, a fogueira, consumida pelo fogo, foi apagada. Nem parecia manha. Uma lua cheia estava a pino no céu, estrelas brilhavam e nuvens pouco ama-reladas vi-ajavam com o vento. Um ar frio soprava, fazendo as plantas balançarem. Drakien, pa-ra surpresa de Alice, entendeu a mão direita para ela, como se a convi-dasse para se-guir caminho com ele. Alice ficou um pouco vermelha e envergonhada, eu não tomei nem banho, nem escovei os dentes e troquei de roupa, mas segurou a mão dele como faria uma verdadeira dama.

Ao saírem da clareira que estavam, eles viram pedras em vários formatos, a que mais chamou a atenção de Alice foi uma com o formato de um carrasco cortando a cabeça de uma pessoa. Ainda estamos em território da Imperatriz, explicou Drakien.

— Amy, — corrigiu-o Alice. Ele apenas assentiu com a cabeça.

Alice, mais a frente, viu uma planície, cheia de ossos, lapides e tumbas. Ninguém estava a vista, nem mesmo o Ceifador de Loucuras.

— O que é isso? — Ela apontou para a planície.

— Isto, ah, é o Cemitério de Dragões — respondeu Drakien — Eu nunca vi nenhum por aqui, mas dizem que dominaram esta terra por muito tempo.

Chegaram a um pedaço da floresta que não tinha árvores, apenas uma teia de aranha entre dois troncos velhos e ocos. Alice olhou bem, uma viuva-negra estava bem no centro da teia, mas as manchas que deveriam ser vermelhas eram roxas. Ela apertou mais os olhos e deu um grito:

— Absolutum, que bom ver voce! — Assim que acabou de falar, o chao se abriu e eles caíram num buraco.

Cairam em um tunel subterraneo, era da altura deles, com vigas para sustenta--lo. Alice olhou bem para o tunel e pensou quem teria feito tal obra. Drakien pareceu ter lido os pensamentos dela, ele respondeu assim que ela acabara de pensar.

— Isso e obra do Coelho Treloso, — Alice achou estranho um nome daque-les, mas naquele mundo, ela via agora, tudo era possivel.

Drakien se virou rapido, sentiu olhares curiosos. Ele viu apenas um vulto negro se escondendo atras da parede, mas deixou para la. Do nada Alice viu uma mancha negra pulando em cima dela e de Drakien. Ele tentava se libertar lutando, tentan-

do alcazar seu punhal que estava no bolso da calqa. Foram carregados pelos pes ate um tunel mais adentro. Ele parecia maior e mais iluminado.

Alice se levantou, mas deixou Drakien deitado no chao. Ela se deparara com animais olhando para ela. Um coelho saiu do meio deles. Era bem baixinho, o corpo peludo era todo branco e seus olhos, vermelhos. Ele comeqou a falar.

— Absolutum lhe espera — ele segurou na mao de Alice, e sem dizer nada, a levou para um tunel no escuro.

O tunel tambem era escuro, iluminado apenas a luz de velas. O coelho, ela ha-via notado agora, tinha a deixado sozinha. Aquele buraco era cheio de teias de ara-nha, parecia pegajoso. Alice caminhava cada vez mais para dentro. Dava voltas pro-curando alguma coisa. Ela sentiu patas nas suas costas, bem peludas e pareciam ser grandes. Ela se virou para ver o que era. Deparou-se com Absolutum. Ela estava bem maior, devia ter uns quatro metros de comprimento.

— Ola Alice, vejo que me encontrou — ela se virou e ficou de frente para Alice. — Vamos direto ao ponto: como posso ajuda-la?

Alice achou que Absolutum ja sabia. Mas disse que precisava urgentemente falar com a Plebeia.

— Ah, ela esta ali — Absolutum apontou para um tunel logo a frente.

Alice nao falou. Seguiu correndo pelo tunel. As paredes eram iluminadas por

candeeiros pendurados nas paredes. O tunel parecia nao ter fim. Ate que viu uma luz. Chegou a um campo todo florido. Parecia que ninguem estava ali. Mas Alice ouviu passos, como os de alguem correndo. Era Beatrice, usava um vestido branco e sapati-lhas de ballet. Parecia preocupada.

— Beatrice! O que aconteceu?!

Ela falou ofegante enquanto parava: — E Komodus,...

— Eu o mato, — Alice falou determinada. — Ela colocou a mao esquerda no chao e a levantou, como se erguesse uma espada, e uma espada com o cabo dourado surgiu. Beatrice ficou boquiaberta, como ela havia feito aquilo? Alice perguntou onde estava Komodus.

— Logo ali, nas montanhas — a Plebeia apontou onde era.

Alice foi determinada. Limpava o suor do rosto. Ela rasgou uma parte de bai-xo do vestido que estava usando desde que encontrou a Imperatriz. Suas pernas fica-ram livres para correr. Ela via a montanha logo a sua frente. Tinha um pico coberto de neve e soltava fuma9a.

Ela olhava a paisagem ali nos campos, fadas e ninfas caminhavam, gnomos trabalhavam. Mas por que aqui e chamado de “Campos Perdido”? Aquela pergunta foi respondida quase que imeditamente por uma voz que parecia vir do ceu.

— Por causa do Komodo — era uma voz esganiçada e parecia longe. Alice olhava para os lados, para cima, nada a vista. — Ei, garota. — Alice olhou para baixo. Um gnomo, mas tinha orelhas pontudas como as de um elfo. — Não está me vendo?

— Ha! Agora estou — ela pegou o gnomo nas mãos e o levou para perto do rosto. — O que foi que você me disse?

— Os campos são chamados assim por causa de Komodo, ele destrói tudo, mata a todos e faz de escravo quem se atreve a se opor a ele.

— Não tem problema, eu vou mata-lo e trazer sua cabeça em um espeto.

— Muito obrigado, minha senhora, irei informar ao resto da vila.

Alice continuou seu caminho. Ela ficou em frente a montanha. Subia um cheiro de enxofre e carne podre, morta. Ossos estavam no solo, alguns ainda com carne grudada. Entretanto, ela não hesitou, continuou a subir. Desviava, tirava do caminho pedras. Encontrou Komodo no topo da montanha. Estava deitado em um monte de ouro.

Alice ergueu sua espada e a desceu com toda força no pescoço do dragão. Sangue rubro e brilhante manchou a espada. Ela começou a cortar a cabeça do dragão. Pegou uma lança que estava no chão, ao lado de um cavaleiro morto, e enterrou a cabeça de Komodo. Ela pôs um pouco de ouro no busto do vestido, começou a descer a montanha.

Na metade da montanha, ela viu uma sombra projetada no chão de pedras. Quando olhou para cima viu o inexplicável. Komodo estava logo acima de sua cabeça. Seu corpo dourado com asas enormes, quinze metros de envergadura; mas tinha uma coisa nele que Alice achou estranha. Ele estava vivo, mas, sem cabeça. O sangue pingava e ele parecia não ver. Alice saiu devagar, esgueirando-se pelas rochas

sobres-salentes. Porém ela derrubou uma pedra minúscula, fazendo um pequeno ba-rulho. Ela desejou para que Komodo não tivesse ouvido; para seu azar, ele ouviu. Começou a correr atrás de Alice. Ela não hesitou, começou a correr pela sua vida.

Encontrou uma pedra enorme, grande o suficiente para esconder seu corpo inteiro. Ficou atrás dela, espiando, para ver se Komodo estava olhando. Ele parecia procurar, tentava encontrar o cheiro dela, falhando, pois estava sem a cabeça. Alice segurou a espada com mais força e partiu para o ataque. Fez vários cortes e investidas, mas nada parecia penetrar a pele do dragão. Ela recuou e voltou para atrás da pedra. Espiou de novo, Komodo ainda a procurava.

— Como farei para mata-lo? — Alice examinou seu oponente e viu um ponto brilhante em sua garganta, parecia sair fogo. Ela reparou em uma coisa batendo ali dentro. — Deve ser o coração dele.

Ela chamou a atenção de Komodo, quando este virou a cabeça sua garganta ficou exposta. Alice aproveitou e jogou sua espada com a ponta virada para a garganta. Atingiu em cheio. Komodo começou a se debater de dor. A montanha, então, começou a tremer. Ela apressou o passo e desceu correndo. Uma pequena avalanche de pedras começou a cair. Alice correu tanto, que chegou no final da montanha ofegante. Um gnomo, o mesmo que a tinha encontrado antes, estava a sua espera.

— Muito bem Alice, você conseguiu — ele abriu um sorriso largo ao ver a cabeça do dragão cravada e cheia de sangue com a cabeça do dragão na ponta.

— Onde está a Plebeia?

— Oh, ela, venha comigo.

Alice começou a segui-lo pelos Campos. Era tudo completamente diferente das terras do País do Desespero. Uma grama verde igual a um tapete estava

forrada no solo, um sol estava a pino no céu. Nuvens brancas passavam de um lado para o outro, o ar era fresco, fazia as folhas verdes das árvores balançarem. Rosas de todos os tipos plantadas no chão, passaros faziam seus ninhos nas árvores. O gnomo ficou em frente a uma casa redonda com porta de madeira e uma chamine.

— A Plebeia está aí dentro, fale com ela a vontade — ele puxou a lanca com a cabeça de Komodo das mãos de Alice e partiu.

## Capítulo 7

Alice bateu na porta, quase que imediatamente foi respondida. Era uma voz que ela conhecia. A mesma voz doce e inocente que a atendera na floresta.

— Já estou indo — aquela voz parecia com o canto de anjos caídos penetrando os ouvidos de Alice.

Quando a porta se abriu, Alice se deparou com a mesma garota de antes, cabelos loiros, olhos inocentes. Porém reparou algo de diferente nela. No tempo em que não se viram, chifres de rena cresceram na cabeça de Beatrice. Eram iguais os de Amy. Alice ficou surpeendida por um instante, mas se recuperou logo, já havia visto de tudo naquele lugar.

— Alice, eu achei que você tinha morrido. — Ela puxou Alice pelo ombro para dentro de casa e a levou para um canto — Temos que sair desse lugar, os habitantes daqui são do mau — ela sussurrava no ouvido de Alice.

— Nos, vamos conseguir sair daqui — Ela apontou para a sua mão. Mas uma pequena coceira no ombro a incomodou. Ela pediu para Beatrice olhar o que era.

— Han, — ela exclamou — você...

— O que? — Parecia mais uma brincadeira das duas.



— Voce matou Komodo?!

Alice nao sabia o que aquilo queria dizer, alias, era so um dragao, o que poderia acontecer?

— O que tem ai?

— A tatuagem do dragao...

Alice correu para a janela e olhou seu reflexo, e virou-se de costas para poder ver. Beatrice tinha razao, era uma tatuagem em formato de dragao com olhos roxos e uma lingua bifurcada saindo da boca. Ela deu um pequeno passo para tras.

—O que isso significa? — Alice tinha realmente ficado assustada.

— E a marca do dragao mestre, voce pode invocar e controlar todo e qualquer tipo de dragao.

Alice nao acreditava, qualquer dragao. Mas ela estava ali para falar com Beatrice.

— Beatrice, sente-se — Ela obedeceu. — Eu estive no castelo da Imperatriz. — Beatrice colocou a mao na boca. — Descobri que ela e na verdade... sua irma...

— E verdade, ela e minha irma, sempre quis ser melhor que os outros. Domi-nou a magia primeiro do que eu. Ela escravizou este lugar e tomou o trono. Me banuiu para o meio da floresta.

— Eu lhe proponho enfrenta-la, travar uma guerra com ela.

— Eu... nao sei se posso, estou trancada aqui.

— Vamos fugir, reunir um exercito.

Beatrice parou para pensar um pouco.

— Vamos, vamos matar minha irmã.

A Plebeia pediu para Alice a segurar pelo ombro e puxa-la, como se fosse uma prisioneira. Passaram por uma pequena aldeia. Casas se estendiam por toda extensão do campo. As casas eram feitas de palha, algumas de madeira. Uma pequena estatua de uma mulher seminua, apenas com um pano cobrindo seus seios e suas mãos abaixo da cintura. Alguns guardas, Alice viu um na verdade, baixinho e gordi-nho. Ele tinha o cabelo vermelho e empunhava um martelo enorme para seu tamanho minúsculo.

Ele olhou para a Plebeia e para Alice enquanto elas tentavam passar por ele sem serem vistas como intrusas.

— Para onde as senhoritas pensam que vão — a voz dele era um pouco rouca e esganiçada.

— Err... vou leva-la para mais distante, achamos outro lugar para ela. —

Alice respondeu um pouco desconfiada.

— Sim, certo — mas ele parou, e pensou um pouco. — Você não é daqui é?

— Não, eu sou... — Mas ela sussurrou para Beatrice — corre. — Mas ela não entendeu. Alice falou alto e claro para que todos ouvissem — Corre!

Sairam correndo, ouviram o guarda soar o alarme. Elas escutaram os outros guardas saindo de suas casas e correrem atrás delas. Alice viu o túnel que dava para a caverna que ficava os reunidos de Absolutum. Elas se jogaram e caíram de volta no túnel em que se encontrava Absolutum. As suas costas escutavam os gnomos gritando. Alice olhou para trás e os viu empunhando espadas, foices, garfos, lanças e tri-dentes. Ela se apressou e bateu em uma das paredes do túnel, fazendo-o balançar. Os

gnomos pararam e olharam para baixo, para seus pés. Era como se o chão se mexesse abaixo deles. Eles começaram a tremer e a cair. Alice bateu tão

forte nas paredes com seus ombros, que elas caíram como uma avalanche em cima dos gnomos. O san-gue deles banhava todo o chão do túnel.

— Oh, Alice, você conseguiu, fiquei livre! — Exclamou Beatrice.

— Sim! Mas, como você foi parar ali?

— Foi o Coelho Treloso, ele me prendera naquele lugar e me deixou daquele

jdto.

— Aquele coelho safado — agora Absolutum entrava na conversa. — Ele está aqui, no seu túnel.

Alice e a Plebeia foram para o túnel do Coelho Treloso. Era uma porta na verdade, ela era iluminada por uma lanterna no topo. Alice entrou, nem bateu na porta.

O Coelho estava dormindo de barriga cheia ao invés de papéis, o túnel estava cheio de cenouras enormes, chegavam a uns dois metros. Alice viu o Coelho dormindo, sua barriga estava estufada, a boca cheia de baba. Alice reparou que o pelo dele era vermelho com uma bola preta no olho esquerdo. Ela se abaixou e pôs a mão no chão.

Um punhal surgiu. Beatrice olhava boquiaberta.

— Agora morra, Coelho!

Alice cravou o punhal na cabeça do Coelho, entre as duas orelhas. O sangue começou a escorrer pelo punhal. Ao contrário do normal, o sangue do Coelho Treloso não era vermelho, era de um amarelo vivo e brilhante. Alice saiu da sala jogando o punhal no chão e melando a mão. Beatrice olhava para ela com os olhos arregalados.

— Como você fez aquilo?

Alice parou para pensar um pouco, então veio a sua cabeça que foi o punhal.

— Eu apenas acreditei que podia tira-lo do chão e consegui.

A Plebeia apenas assentiu com a cabeça. Foram até onde todos estavam reunidos. Estavam todos espalhados. Quando viram Beatrice, todos desviaram a sua atenção.

— Caros amigos, — começou Beatrice — eu lhes proponho uma vida justa e com alegria. Darei cores novamente a este país. Juntem-se a mim e vejam. — Todos

urraram de alegria concordando com o que ela disse. — Venham para fora, irei lhes mostrar uma coisa.

Todos a seguiram para fora, para a floresta.

— Eu, Beatrice, conhecida como Plebeia, sou a irmã da Imperatriz. — Todos colocaram a mão na boca e soltaram o ar. — Então vejam isso.

Ela estendeu as mãos e fechou os olhos, a terra começou a se mexer. Um brilho azul envolveu sua mão. Começaram a sair cabeças da terra, então corpos inteiros saíram. Homens, Alice deduziu, empunhando espadas, lanças e bestas. Completamente cobertos de terra e com minhocas andando por seus rostos. Eram muitos soldados, eles preenchiam todo o campo, por volta de uns quinhentos.

— Apreendi muitas coisas enquanto estava nos Campos do Desespero — então Alice a olhou mais de perto e viu chifres de rena em sua cabeça, ela estava mais parecida com sua irmã.

Os habitantes do País do Desespero, todos que estavam ali, sem exceção, voltaram aos túneis, foram pegar suas armas para o dia da queda da Imperatriz.

Alice en-tao lembrou-se:

— Drakien...

— Venha comigo Alice, eu sei onde ele pode estar — Beatrice estendeu-lhe a  
mao.

Desceram pelo mesmo tunel em que subiram para a superficie. Alice nao pa-rava de olhar para tras, de olhar para os guerreiros. Pela cabeça dela passava, sera que eles vao sobreviver la fora? E se chover? Mas Beatrice parecia ter lido os pensa-mentos dela, respondeu quase que imediatamente.

— Eles vao ficar bem, Alice. Sao feitos de humus, terra, raizes, nao se preo-cupe com eles. — Alice deu um meio sorriso.

— Aqui — Beatrice declarou, apontando para uma porta toda de madeira cheia de grades com uma maaneta enferrujada — e aqui que mantemos nossos prisi-oneiros, seu Drakien deve estar aqui dentro sendo torturado para termos mais infor-maqoes sobre a Imperatriz. — E completou — Eu nao posso seguir com voce, a porta e selada com um selo magico que nao me deixa entrar. Va e salve-o.

Ela saiu, foi em direqao ao tunel em que estavam os outros. Alice respirou fundo e colocou a mao no chao, uma espada curva na ponta com cabo dourado sur-giu. Alice a segurava com facilidade e leveza, era como se aquela espada houvesse si-do feita para ela. Ela entrou com cautela e observou o ambiente.

Era um lugar escuro, umido, com goteiras, iluminado por um candelabro com seis velas acesas quase derretidas. Armas estavam postas nas paredes. Uma maqa, uma espada, ambas enferrujadas e uma centena de adagas. Um troll de estatura medi-ana estava em uma cadeira encostada na parede umida, estava de olhos fechados e roncava. Seu focinho lembrava o de um javali. Ele tinha ao seu lado um machado. Alice olhou ao redor e achou o

que procurava, Drakien. Ele estava sem camisa, todo molhado de suor desacordado em cima de uma mesa de madeira. Alice correu ate ele e lhe deu um beijo na boca, ela sentiu o gosto de suor caindo pelo seu rosto.

— Drakien, — sussurrava — acorde, por favor, eu estou aqui para salva-lo.

Ele abriu os olhos lentamente, como se estivesse assim por muito tempo.

— A-Alice... — ele arregalou os olhos ao ver o troll atras de Alice, e soltou um grito — Alice, cuidado!

Ela foi rapida, desviou do golpe, que bateu nas correntes enferrujadas que se-guravam Drakien e as partiu. Alice comeqou a defender todos os golpes do troll que berrava:

— Vou te matar, vou te comer.

Alice defendeu-se de um golpe do troll que ela percebeu que era burro. Girou e jogou sua espada longe no chao. Ela apontou a espada dela contra o pescoço do troll que levantou as maos. Ela foi mais para frente e viu a sua espada ficar com a ponta, ate a metade, vermelha.

— Isso e por tortura-lo — nenhuma lagrima ou sinal de remorso se via em Ali-ce. O corpo sem vida do troll caiu no chao.

Alice rapidamente correu para ajudar Drakien a se levantar. Ela colocou seu braço ao redor do proprio pescoço e o ajudou a atravessar a sala. Beatrice os espe-rava ja do lado de fora. Ela abriu um sorriso largo ao ver os dois sao e salvos.

— Deixe-me ajuda-lo — ela abriu os braços para segurar junto com Alice. Le-varam-no para os tuneis. Acomodaram-no em um quarto. Beatrice saiu, apenas Alice ficou com ele.

— Vai ficar tudo bem Drakien — Alice tentava calma-lo. Ela passava a mao no peito dele. Ele estava com os olhos fechados. Alice havia reparado agora, ele esta-va com um olho roxo.

— Alice... — tossiu — eu... eu... te amo...

— Eu tambem te amo Drakien, agora descanse.

Foram interrompidos. Alguem batia na porta. Alice correu para atender. Era Beatrice. Ela carregava um frasco transparente em suas maos.

— De isso a ele — ordenou a Plebeia.

— O que e isso?

— E um elixir fortissimo. Apenas os deuses teriam permissao para toma-lo. Va, de a ele.

Alice pegou o frasco e fechou a porta. Ela chegou na beira da cama e disse a Drakien:

— Beba, vai faze-lo se sentir melhor — Drakien bebeu todo o frasco e deu uma tossida. — Oh Drakien, eu nao sei como te dizer, mas desde que voce me deu aquele beijo... — ela comeqou a chorar — ... eu acho... nao, tenho certeza, eu me apaixonei perdidamente — Ela segurou forte a cabeqa dele e levou seus labios aos de-le. O beijo deve ter durado uns quarenta e cinco segundos ou mais. Ela afastou seu rosto do dele e viu que ele estava de olhos abertos. Ela o abraçou com toda forqa que tinha.

— Eu ouvi o que voce disse. — Ele ainda estava meio zonzo por causa do elixir.

— Desculpe-me, eu estava assustada... — ele pos o dedo na boca dela.

— Shh, eu te amo — Drakien a puxou e a beijou mais forte ainda, aquele tempo foi indeterminado para Alice, mas durou tempo o suficiente

para ela.

Beatrice entrou na sala de repente.

— Ah, desculpem, estou interrompendo algo?

Drakien rapidamente soltou Alice, envergonhado.

— As roupas de vocês estão prontas.

## Capítulo 8

Alice saiu do túnel carregando Drakien em seu ombro. Seguiram Beatrice até um túnel com uma tartaruga em uma armadura toda de aço com um capacete cobrindo seu rosto, deixando-o impossível de se ver. Eles entraram na sala. Uma variedade imensa estava na sala. Espadas, adagas, lanças, arcos, flechas, todas penduradas em paredes ou no chão.

No centro da sala havia uma armadura brilhante da cor do luar e ao seu lado um vestido azul longo com brilho colado. Alice olhou e pensou, será que essas roupas são para mim e Drakien? A pergunta parece que foi lida da mente de Alice, pois foi respondida imediatamente por Beatrice.

— Essas roupas são para vocês lutarem ao meu lado.

Alice chegou mais perto, junto com Drakien, e tocou o vestido. Era da mais fina seda. Dava quase para sentir a mão tocando a outra de tão fino que o tecido era.

O vestido era bordado no busto e na cintura, com flores costuradas na saia. Drakien não pareceu impressionado, talvez por já conhecer os tecidos do reino. Ele aproximou-se da armadura. Tocou-a e sentiu um metal frio, deve ser aço celeste, imaginou. Novamente, Beatrice respondeu:

— E metal celeste, os artesãos fizeram especificamente para você e... — Ela correu para o outro lado do túnel e pegou um pacote enrolado. — Tome



— ela deu o pacote a Drakien que o desenrolou logo. — Ela também é de a9o celeste e enfeiti-9ada para não ferir você de nenhuma maneira. — Drakien fez uma cara de alegria e surpresa. Era uma espada, toda prateada, da ponta da lâmina, ao fim do cabo.

— Muito obrigado, signora Beatrice — até Alice se espantou, nem ela sabia que Drakien.

— Vamos à batalha! — Exclamou Alice que tinha ficado calada até agora.

Alice pegou o vestido e Drakien a armadura e foram para o túnel mais reser-

vado, sem ninguém. Foram trocar de roupa. Alice ficou encantada ao ver o corpo de Drakien sem ferimentos e totalmente curado, o elixir deu certo! Ele ficou mais definido. Ficou com uma barriga super definida e músculos maiores nos braços, suas pernas ficaram mais grossas e a sua pele brilhava mais ao se expor na luz.

Quando Alice foi se trocar Drakien se virou de costas. Não viu Alice nua na sua frente. Mas, Alice, muito espertinha, viu Drakien se trocar, mas apenas sem camisa.

— Nossa, você é mesmo lindo! — Alice se assustou.

— Obrigado, minha linda — ele tocou o queixo dela e deu um sorrisinho. Co-locaram as roupas. A armadura e o vestido couberam perfeitamente. O vestido parecia ter feito sob medida e a armadura, leve.

Subiram para superfície e foram falar com Beatrice que olhava os Homens de Terra. Ela ainda estava com a mesma roupa com que falou com Alice e Drakien.

— Estamos prontos — Alice tocou o ombro dela, que se virou quase que instantaneamente. Vamos à guerra.

Os Homens de Terra se viraram para o leste e baixaram os braços com os punhos fechados. Eles começaram a marchar em direção ao castelo da Imperatriz. Deram uns passos sozinhos, mas começaram a ser seguidos pelos habitantes do País do Desespero. Um a galinha roxa e bolinhas azuis, dois gêmeos parecidíssimos de cabelos ruivos e olhos vermelhos, tinham aparência humana, mas dentes pontiagudos. Até a Cobra Branca estava entre eles, suas asas no topo da cabeça pareciam brilhar.

Quando chegaram nos portões do castelo da Imperatriz se depararam com um muro feito de plantas negras, cheias de espinhos. Alice olhou para cima e viu uma flecha flamejante sobrevoar sua cabeça. Atingiu em cheio as plantas, que pegaram fogo logo em seguida. O fogo se alastrou, o caminho ficou “livre”. Com cinzas por todos os lados, de troncos e espinhos queimados.

Um exército de homens trajando armaduras negras e carregando espadas e lanças os aguardavam. Os Homens de Terra, que estavam logo a frente, não hesitaram, começou a atacar. Os outros soldados revidaram, então todos começaram a atacar. Alice olhou para Drakien a seu lado, deu um beijo em sua boca.

— Até o fim, te amarei — Disse ela.

— Eu também — respondeu Drakien.

Ambos pareciam dançar no campo de batalha, uma dança mortal. Alice dava cortes verticais e cambalhotas no chão, seu vestido se sujava de terra e ela sentia a terra úmida em seu rosto. Drakien parecia mais acostumado em batalha, investida,

cortava, dilacerava com mais vezeza. O sangue o banhava, frio, e pegajoso, ele sentia o gosto de metal em sua boca.

Corvos imensos surgiram do fundo da montanha próxima ao castelo e começaram a sobrevoar o campo de batalha. Eles começaram a dar voos

mais próximos do solo e a atacar o rosto dos Homens de Terra, que revidavam dando golpes de espada. O céu começou a ficar meio nublado e nuvens cinzentas formaram um véu sobre a cabeça dos soldados. Uma chuva vermelha começou a cair. Alice decepcionou a cabeça de um soldado, o sangue escorreu pelo chão. Ela estirou a língua para provar a água vermelha que caía dos céus. Tinha gosto de metal, deve ser sangue, deduziu.

Os soldados pareciam aumentar de número com o passar do tempo. Alice notou isso. Ela olhou para Drakien, ele estava com o rosto todo ensanguentado, os olhos cobertos de sangue e a espada completamente suja de negro, depois para a guerra a seu redor.

— Isso precisa acabar — ela olhou para o braço com a tatuagem negra de dragão. — Por favor, precisamos de ajuda.

Ela ouviu um ruído alto e agudo vindo do Norte. Todos pararam de lutar e olharam para o norte. Uma sombra imensa se aproximava. Tinha a forma de dragão. Surgiu. Era realmente um dragão. Tinha o corpo todo avermelhado e asas enormes que tinham uns dezesseis metros de envergadura. O dragão começou a cuspir fogo, um fogo azulado e crepitante. Os soldados foram todos queimados exceto os Homens de Terra, eles permaneceram em pé. Alice olhou para cima e observava o dragão que invocara. Ele era uma beleza, dois dentes caninos saíam de sua boca.

— Vamos Alice — era Drakien, ele estendia a mão para Alice. — Vamos até a minha torre e encontrar o coração da Imperatriz. — Era mesmo, ela já havia esquecido do coração.

Ela segurou a mão de Drakien, que a levou até a torre, por entre os soldados, espadas e lanças. A torre parecia a mesma coisa de quando a viu, estava intacta. Drakien e Alice subiram, vasculharam tudo, não encontraram nada. Ouviram uma voz às suas costas.

— Procuram alguma coisa — ao se virarem notaram que era a Imperatriz, ela usava um vestido azul escuro longo e um cordão em seu pescoço com

um rubi em formato de cora9ao; seu batom e a sombra nos olhos era violetas. — Meu cora9ao esta bem aqui, em meu pesco9o.

Drakien correu com a espada nas maos gritando, ia ao ataque. A Imperatriz fez apenas um gesto com as maos, como se afastasse uma mosca e Drakien voou para longe no salao.

— Entao Alice, decidiu me trair?

— Eu nunca fui leal a voce — respondeu Alice cheia de autoridade na voz.

— Mesmo depois de tudo, eu que te vesti — a Imperatriz falava com uma voz inocente.

— Aquele vestido feio? — Mas era mentira de Alice, ela achava o vestido lindo. Ela nao hesitou, correu para uma investida. A Imperatriz fez o mesmo que com Drakien, mas nao funcionou. A tatuagem em formato de dragao no bra9o de Alice brilhou e impediu o feiti9o de atingir Alice.

— Como isso e... — Alice bateu na Imperatriz com for9a com o cabo da espada na testa e a Imperatriz sair voando. — Argh! Agora voce vai ver — ela puxou uma espada de dentro de sua barriga, mas nao rasgou o vestido. Era feita de carne viva e osso.

Alice nao quis saber, partiu para o ataque. A Imperatriz se defendia com leve-za. Fizeram uma dan9a mortal, Alice defendia e atacava, depois trocava de a9ao com a Imperatriz. Entao, um corte. Fora bem no bra9o de Alice, come9ou a sangrar. A Im-peratriz deu uma gargalhada.

— Minha espada fica mais forte com o sangue de outras coisas.

Alice nao deu bola para ela, partiu de novo para o ataque, desta vez mais vio-lento. Ela trocou os pes e girou se defendendo jogando a espada da Imperatriz para longe. Ela apontou a espada no pesco9o da Imperatriz.

— Amy, chegou a hora de voce morrer.

— Nao Alice, e hora de voce morrer.

Atras de Amy estava uma janela sem grades. Ela se jogou para tras e enquanto caia, transformou-se em um dragao.

## Capitulo 9

Enquanto caia a Imperatriz ia mudando de forma. Sua pele sedosa e umida ia transformando-se em escamas douradas. Suas unhas virando garras e sua lingua, que estava para fora, bifurcando-se. O vestido ia se rasgando, pois ela ia ficando maior a cada segundo, ate que se transformou em um enorme dragao dourado com asas imensas e escamas brilhantes. No topo de sua cabeça estavam chifres de rena ainda maiores do que os da Imperatriz.

O dragao se virou da queda e começou a cuspir um fogo vermelho que queimava nao so os Homens de Terra, mas tambem os soldados da Imperatriz. Eles, os soldados, gritavam de dor e sofrimento. Em seus olhos, daquele andar da torre, Alice podia ver tristeza. Ela olhou para seu braço e viu a tatuagem de dragao brilhar mais uma vez, ataque-a, pensou. O dragao dourado voou em direcao a Imperatriz.

As asas do dragao dourado pareciam laminas quando passavam ao lado de Amy. O vento parecia se cortado ao meio. Ele lançou fogo de sua boca, a Imperatriz desviou. Mais uma vez. E de novo. Mas eram tentativas que falhavam, a Imperatriz sempre desviava.

O dragao dourado decidiu atacar com as garras. Investiu com as garras para atacar a Imperatriz, mas ela tirou o pescoço do caminho. Os olhos de Amy ficaram mais finos e fitaram o dragao dourado. Ela abriu a boca e saiu uma rajada de fogo verde. Ele desviou, mas passou raspando. Depois ela atacou com as garras. Acertou-o bem no pescoço, onde ficava seu coração. Ele debateu-se e caiu do céu em direcao ao campo de batalha. O estrondo foi grande e matou os Homens de Terra e os soldados da Imperatriz.

Ela voou ate a janela e abriu mais um buraco na janela. Entrou ja se transfor-mando em humana de novo. Ela estava nua. Seu corpo lembrava uma ampulheta e seus seios de uma moça jovem. Ela pegou a espada e foi atacar Alice novamente. A Imperatriz enfiou a espada no peito de Alice que se defen-deu, mas a Imperatriz jo-gou a espada de Alice para o outro lado da sala.

— Suas ultimas palavras, querida? — Ela apontava a ponta da espada para a garganta de Alice.

— Voce vai morrer — disse Alice cheia de odio.

A Imperatriz levantou a espada, quando estava pronta para cortar a ca-beqa de Alice, um dragao branco entrou pela janela. Ambas olharam para ver o que era. O dragao transformou-se em Beatrice, a Plebeia. Ela carregava um pa-no branco quase transparente. Como estava nua, vestiu o pano. Coube perfeitamente.

— Entao, voce veio irma — disse Amy.

— Sim irma, vou matar voce.

— Entao venha.

Beatrice juntou as duas maos. A medida que separava, uma lamina e um cabo iam aparecendo. Amy fez o mesmo, uma espada tambem surgiu, porem negra, en-quanto a de Beatrice era branca.

As duas investiram uma para cima da outra. Comeqaram a trocar golpes, de uma maneira violenta e sem piedade.

— Voce sempre foi a mais fraca de nos duas irmas — grunhiu Amy.

— Eu mudei.

Trocaram mais golpes. Beatrice deu um golpe parecido com um passo parecido com ballet. A espada de Amy foi pelos ares.

— Sou eu, sua irmã, eu não sei o que deu em mim — ela levantou as mãos. Beatrice se aproximou.

— Mas eu ainda irei mata-la.

— Então faça isso logo — Amy deu um escorregão por baixo da espada e chutou a barriga de Beatrice, que quase vomitou.

Amy pulou pelo buraco maior na parede e pulou. Ela virou novamente o dra-gão Beatrice foi atrás de sua irmã. Sua pele, suas roupas rasgaram-se e elas travaram uma luta aérea. Amy tentava morder o pescoço de Beatrice e vice-versa. Amy lançou uma rajada de fogo mas errou o alvo. Beatrice fez o mesmo, mas pegou um pouco mais de força, uma baforada de fogo laranja saiu de sua boca e acertou em cheio Amy.

Ela voou rapidamente de volta a torre seguida de Beatrice. Ambas caíram de volta na torre, Amy voltou nua e Beatrice com seu vestido branco. Elas trocaram mais uns golpes. Beatrice encurralou a irmã contra a parede e colocou a espada por dentro da de Amy. Quando a puxou para cima a espada de Amy voou e caiu em pé no chão, do outro lado da sala.

— Morra — Beatrice enfiou a espada na garganta da irmã e se sujou um pouco de sangue negro. Mas Amy começou a rir.

— Você não pode me matar, apenas perfurando meu coração.

— O que?

Mas a atenção de Amy foi tirada de Beatrice. Ela viu Alice com uma caixinha nas mãos e uma pedra. Ela bateu na caixa que se abriu. Um coração negro em forma de diamante estava ali dentro. Alice tentou perfura-lo com a pedra, mas foi inútil. Amy riu novamente.

— Não será assim tão fácil — mas Alice se lembrou do que Amy disse, que o seu coração só podia ser perfurado com sua própria adaga em seu pescoço.

— Preciso da adaga.

Beatrice viu a adaga no pescoço da irmã e tentou cortá-la para dar a Alice. Amy pôs a mão na frente para impedir a irmã. Mas Beatrice foi mais forte, empurrou a mão da irmã e cortou o cordão que prendia a adaga e a mão de Amy, e a jogou para Alice. Ela não perdeu tempo e cravou no coração. Este se partiu e quebrou em milhões de pedacinhos. Amy soltou um grito agudo e Beatrice viu sua própria irmã desaparecer, transformando-se em nevoa branca.

Os soldados da Imperatriz logo abaixo viraram piche. O Ceifador de Loucuras, que estava melado de sangue e prestes a cortar uma cabeça, espan-tou-se ao ver o soldado logo à sua frente cair e virar piche.

— Ela está mortal! A Imperatriz está mortal! — Ele gritava aos céus. Lentamente a cor foi voltando ao País do Desespero. Os Homens de Terra foram virando lama.

Beatrice abraçou Alice, ambas sujas de sangue negro da Imperatriz, e Alice de sangue tanto dos soldados como da Imperatriz. Beatrice olhou para Alice e disse:

— Conseguimos! O Império da minha irmã finalmente acabou! — Lágrimas de alegria saíam de seus olhos. Um belo nascer do sol amarelo surgia, as árvores ganhavam cores, as flores ficavam coloridas de novo. Os Homens de Terra, com o nascer do sol viravam lama e caíam no chão.

Alice se lembrou de Drakien. Ele continuava caído do outro lado da sala. Ele tinha toda a roupa ensanguentada e sangrava pela testa, por um corte. Alice pôs a



mao de leve em cima do corte. Drakien gemeu de dor e fez uma careta. Alice che-gou mais perto dele e deu um beijo com seus labios quentes em sua testa.

— Drakien, vai acabar tudo bem, ela esta morta. Acabou, este e um pais livre.

— Umm, eu sabia que conseguiria... — a dor era muito forte em suas coste-las, o impacto fora muito grande e doloroso.

— Venha ca, consegue se levantar?

Drakien assentiu com a cabeça e Alice o apoiou em seu ombro. Eles fo-ram para o buraco feito na janela e olhavam o sol radiante. Drakien se virou subrtamente e deu um beijo bem demorado em Alice.

— Eu te amo minha guerreira.

Era outro dia. Todos os vestigios de batalha desapareceram. O castelo havia se trans-formado. Agora estava com altas paredes de uns dezesseis metros de altura, uma enorme ponte levadiqa e paredes brancas. Ao redor do catelo estavam torres altas com chapéus pontiagudos e vermelhos.

Todo o lugar estava ali agora. Os passaros dodos, ents e trolls, elfos, bruxas, ninfas, todos que haviam ido embora de suas casas por causa da Imperatriz voltaram. Beatrice estava sentada no trono alto e branco com um vestido cor de vinho e uma coroa com tres pontas altas branca e um batom azul escuro. Ao seu lado estava Dra-kien, melhor do que nunca, estava todo vestido de branco com um colar que lem-brava uma cruz egipcia e empunhava uma espada longa.

Alice estava sentada em um dos bancos junto com todo o pais. Usava um vestido azul brilhante e brincos cor de lapis lazuli. Um colar de pedras de brilhante estava em seu pescoço. Eles tiravam a atenqao ate dos pavoes que estavam a seu lado. Suas penas eram soberbas. Um misto de vermelho com azul.

— Drakien — começou Beatrice — Eu o nomeio sir de todo o exercito real. Ceifador de Loucuras.

Ele estava ali, com sua foice. Usava um manto rasgado branco.

— Voce e o dono de todos os cemiterios do pais e da vida de todas as pessoas — o Ceifador apenas assentiu com a cabeça e ficou para si, eu ja tinha o controle de todos os cemiterios e de todos, isso nao muda nada. — Alice.

Alice se levantou ficando um pouco vermelha.

— Voce foi corajosa e fiel a todo o pais, eu lhe devo minha vida, e foi capaz de matar minha irma. Voce esta livre para ir e vir quando quiser.

— Obrigada rainha, nao posso mais chamar este lugar de Pais do Desespero. Ele se chamara, Pais das Maravilhas.

— Agora meus amigos, festejem o quanto quiserem — ela bateu palmas e mesas forradas com toalhas brancas e comidas surgiram, mangas, peras, uvas e mo-rangos eram apenas algumas delas. Todos ficaram reunidos no salao principal.

Alice comeu muito, sua boca ficou lambuzada de restos de frutas. Ela olhava para Drakien de vez em quando para ver como ele estava comendo. Educadamente e

devagar, sem se sujar. Ela levantou-se de supetão da mesa longa e pediu licença. Ela saiu do salao e foi para o jardim. Drakien a seguiu cautelosamente.

— Alice, me espere — ele a chamava.

A segurou pelo braço e a puxou.

— Tenha calma, vamos ter esse reino so para nos — ele lhe roubou um beijo.

— E que tenho que voltar para minha cas, sinto falta de minha mae e meu pai.

Drakien suspirou e soltou o ar.

— Eu guardei isso para mim, mas eu encontrei uma saida, bem aqui, neste castelo.

O rosto de Alice mudou, ela ficou mais feliz. Drakien afastou uma moita que estava perto dele revelando uma pequena porta com uma maqaneta de ouro e olhos fechados, como se dormisse.

— Voce agora pode ir — Drakien engoliu um soluço.

— Oh Drakien, muito obrigada... — ela parou para pensar um pouco — mas, se eu for voce ficara para tras... eu nao quero ir — ela fincou o pe no chao.

— Nao Alice, voce deve ir.

— Mas, e voce Drakien?

— Eu ficarei bem, va.

Alice, com os olhos cheios de lagrimas caminhou em direcao a porta, era do tamanho que uma pessoa adulta poderia passar. Ela girou a maqaneta e olhou uma ultima vez para tras, acenou para Drakien.

O caminho estava escuro e abafado. Ela sentia galho de avores batendo em seu rosto, o cheiro de mato penetrando por seu nariz. A sua roupa mudou completa-mente, de um vestido branco, para seu vestido de casamento preto. Ela voltou ao mundo real.

Ela caiu onde estavam as cadeiras e mesas arrumadas, os convidados olhavam para ela, caída no chão. Ela se levantou e olhou para os lados. Lorde Phillip olhava para ela meio confuso.

— Alice, voce caiu?

Alice o olhou com um rosto meio desconfiado, mas depois voltou a si.

— Eu nunca vou me casar com voce. E um homem sem graça e um idiota.

Lorde Phillip, eu nunca me casei com voce. — Ela deu um tapa na bochecha dele.

43

Ela ia saindo, maas parou, todos na festa olharam para onde ela estava olhando. Para as arvores. Um homem com as fei9oes de Drakien saiu das arvores, mas com olhos azuis e um cabelo longo batendo na cintura. Alice o achou lindo, tal-vez por se parecer muito com Drakien.

O homem olhava para todos parado. Apontou com o dedo para Alice e caminha9ou ate ela. Alice nao se aguentou, abra9ou-o e colocou o bra9o em volta dele.

— Ah Drakien, estou tao feliz que voce apareceu.

— Eu nao sei quem e esse Drakien que voce esta falando senhorita Valentine, meu nome e Eric Fallensburg. — Ele deu um meio sorriso para ela que retribuiu e a beijou, levando-a para dentro da floresta escura enquanto Victoria dava um meio sorriso malicioso.